

FAZER IAMIN PARA COMER: PRÁTICA DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA NO MANEJO DO MILHO CRIOULO ENTRE OS KAINGANG DO OESTE PAULISTA

Robson Rodrigues

Dulcelaine Lopes Nishikawa

Resumo: A atividade agrícola associada ao manejo do milho crioulo desenvolvida pela comunidade indígena Kaingang no oeste do estado de São Paulo está diretamente ligada a aspectos da sua cultura. As práticas do manejo agrícola indígena compõem um conjunto amplo de ações que apresentam uma coesão social na associação de produção da semente e sua situação sociocultural e ambiental. A situação encontrada na aldeia evidenciou a necessidade de recuperação do manejo desse milho, para assim também proporcionar a preservação dos aspectos culturais e alimentares. Os estudos desenvolvidos na aldeia Índia Vanuíre, município de Arco-Íris/SP, possibilitaram a observação de fatores importantes para a compreensão da perda de práticas do cultivo do milho tradicional.

Palavras-chave: milho Kaingang, aldeia índia Vanuíre, manejo agrícola, produção de sementes.

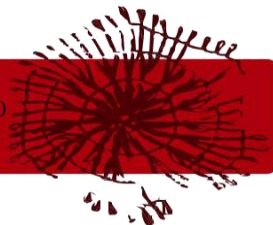
Abstract: The agricultural activity associated to the Creole corn handling developed by the Kaingang aboriginal community in the West of Sao Paulo state is directly linked on their culture aspects. The aboriginal agricultural handling practices compose an ample set of actions that present a social cohesion in the seeds' production association and its partner-cultural and ambient situation. The situation found in the village evidenced the recovery needs of the corn handling, thus also to provide the cultural and alimentary aspects preservation. The developed studies in the Vanuíre Indian village, Arc city, make possible the observation of important factors for the understanding the traditional corn culture practice loss.

Keywords: Kaingang corn, Vanuíre Indian Village, seeds production.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de avaliar a importância do cultivo do milho entre as populações indígenas Kaingang nos pautamos na pesquisa desenvolvida por Fábio Freitas (2001)¹. Segundo o pesquisador o milho cultivado no Brasil há milhares de anos está associado à população que hoje origina o México e não das terras altas da América do Sul, como se pensava. Para chegar a essa conclusão foi desenvolvidas à pesquisa da genética de sementes

¹Fábio de Oliveira Freitas, da divisão de Recursos Genéticos e Biotecnologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que analisou amostras de milho arqueológico com idade entre 560 e 960 anos. As amostras de milho arqueológico estudadas foram emprestadas pelo Museu de História da Natural da UFMG. As amostras, encontradas há onze anos em três cavernas do Vale do Peruaçu (Januária/MG), foram comparadas com variedades da planta cultivadas atualmente por índios brasileiros.



arqueológicas de milho encontradas em Januária/MG há onze anos. Para o pesquisador o milho originário do México foi encontrado, plantado e domesticado na região há cerca de 7.000 anos.

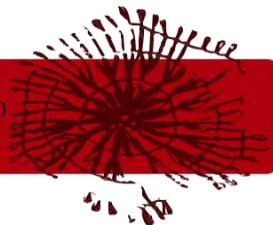
Os estudos genéticos evidenciaram a presença de três alelos² do *ADH2*. No caso do milho encontrado em Januária acusou a presença de dois desses elementos que caracterizam uma complexidade genética. Já as pesquisas desenvolvidas nos Andes, em amostras com idades de 440 a 5.000 anos, foi detectada apenas a variante mais simples desses alelos. É importante ressaltar que esse padrão genético do passado se manteve na análise das amostras atuais, permanecendo longe das espécies de milho das terras altas (Andes) e baixas (Brasil). Para Freitas (2003) há cerca de cinco mil anos, um grupo migratório teria saído do território onde hoje é o México, levando consigo o tipo mais simples de milho e se fixado na cordilheira dos Andes. Três mil anos atrás, outra corrente teria saído da mesma região em direção às terras baixas da América do Sul, trazendo a variante complexa que encontramos hoje no Brasil.

Sabe-se, ainda, que o cultivo do milho está diretamente associado aos povos do continente americano, como podemos verificar as informações históricas e arqueológicas registram o cultivo do milho há, pelo menos, 7.300 anos, e foram encontrados em pequenas ilhas próximas ao litoral do México. Seu nome de origem indígena caribenha significa “sustento da vida”.

Alimentação básica de várias civilizações importantes ao longo dos séculos, os Olmecas, Maias, Astecas e Incas reverenciaram o cereal na arte e religião. Grande parte de suas atividades diárias eram ligadas ao seu cultivo. O milho era plantado por índios americanos em montes, usando um sistema complexo com variação na espécie plantada de acordo com o seu uso. Com as grandes navegações do século XVI e o início do processo de colonização da América, a cultura do milho se expandiu para outras partes do mundo. Desde o período pré-colombiano sua riqueza nutricional é bastante conhecida.

No entanto, dados históricos indicam que com expansão capitalista e as transformações na agricultura as comunidades indígenas e toda a sociedade tem perdido o conhecimento e o manejo das sementes tradicionais também conhecidas como crioulas. O milho é rico em fibras e é de grande importância para eliminar toxinas do organismo humano. Além da fibra, o grão

² Formas alternativas de um mesmo gene.



de milho é constituído de calorías, gorduras puras, vitaminas (B e complexo A), sais minerais e açúcares.

As várias etnias que possuíam o manejo dessas espécies tradicionais vêm perdendo ao longo dos anos a capacidade de preservação e manejo dessas sementes, substituindo-as por sementes híbridas.

Compreendendo que isso significa uma perda tanto do ponto de vista cultural quanto alimentar o nosso artigo busca evidenciar os problemas pelos quais passam a comunidade Kaingang para preservar e manejar essas sementes na aldeia Índia Vanuíre, no município de Arco- Iris/ SP, destacando determinados elementos para a compreensão do que isso significa do ponto de vista cultural e alimentar dessa comunidade que tradicionalmente detêm o manejo adequando das sementes crioulas.

Instituições como a Embrapa têm exercido um papel importante na recuperação e preservação das sementes tradicionais, mas essa prática tem sido incipiente diante do quadro ambiental apresentado nas aldeias indígenas do Oeste do Estado de São Paulo.

ASPECTOS CULTURAIS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA DO CULTIVO DO MILHO NA HISTORIA KAINGANG

Para a etnia Kaingang o cultivo do milho está associado aos aspectos alimentares, culturais e sociais. No que compete a organização social os índios Kaingang buscam articular as formas de se relacionar com o mundo com o conhecimento do seu entorno e materializa sua cosmologia por meio do cotidiano.

Na vivência de sua espiritualidade os Kaingang atravessam diferentes universos que se interpenetram, criando uma visão múltipla de ser humano baseada na experiência constante do índio com todos os ambientes ao seu redor. A noção de comunidade entre eles é interespecífica; neste sentido, os ecossistemas das aldeias são partes de um todo.

O conhecimento indígena é complexo e integrado e apresenta características diferentes do pensamento ocidental em que a vida espiritual se encontra dissociado dos demais aspectos da vida cotidiana. Compreendendo esse caráter diferenciado do pensamento indígena passamos a descrever o ritual cultural de enterramento Kaingang, muito embora esse não ocorra mais nos dias atuais é de grande importância compreendê-lo para elucidarmos as



perdas culturais que ocorreram com a dificuldade em se fazer o manejo das sementes tradicionais do milho.

O funeral Kaingang está associado diretamente à produção do milho tradicional, então para uma melhor compreensão se faz necessário à descrição da importância desse ritual cultural.

Com o funerário tradicional Kaingang – o Kikikoi - é possível enxergar a profunda ligação dos indígenas com a natureza. Para o entendimento da centralidade deste ritual na cultura Kaingang evidencia-se o papel dos mortos entre eles. Segundo Herbert Baldus (1979), quando alguém morre na aldeia, é como um elemento constitutivo da imensa força comunal Kaingang que se descola da terra e vaga perdido, incontrolável – mas ainda vinculado à comunidade.

É preciso direcioná-lo corretamente para que ninguém saia prejudicado entre os vivos. Torna-se imprescindível realizar um ritual no qual todos se envolvam. O Kikikoi era praticado em todas as regiões habitadas por este grupo étnico. Sua realização começava a partir da morte de alguém, passava pelo enterramento e culminava numa grande festa que marcava a libertação da alma do morto. Neste momento se dançava e se servia a bebida Kiki. Henrich Manizer (2006) detalha esta prática entre os Kaingang de São Paulo em 1914.

Segundo o autor citado, quando alguém morria, seus parentes mais próximos se entregavam aos lamentos, enquanto o restante da comunidade começava os preparativos para o funeral. Na marcha rumo ao cemitério, quem carregava o morto não parava de cantar. Chegando lá, as mulheres cozinhavam milho e abóbora, enquanto os homens cavavam um fosso para o enterro. Durante todo o procedimento de enterramento, na aldeia a roça de milho do defunto era queimada e seus pertences destruídos.

A manutenção de seus hábitos funerários está associada ao modo como esse grupo étnico concebe a origem do seu ser a partir do elemento terra, presente na estrutura do mito de origem, onde se percebe que a concepção do Ser Kaingang está diretamente associada ao sentimento de pertença ao mundo subterrâneo.

Nesse sentido, a estrutura do enterramento Kaingang assume um modelo habitacional segundo o qual os seus mortos continuarão a morar no seu local de origem. Mas os que estão no mundo terreno, devem ter cuidado, pois a qualquer momento poderão ser levados para lá. Portanto, é no seio da terra que os Kaingang moram e para lá vão suas almas após a morte.



A nova aldeia subterrânea contém as mesmas condições da aldeia terrena com os recursos necessários à sua subsistência e continuidade da vida. As árvores que propiciam frutos comestíveis serão baixas para facilitar a coleta. A caça é abundante e possibilita a fartura para sua alimentação. O trabalho continuará no plantio das roças que produzirão as espécies de milho indígena, além da produção dos bens materiais utilizados na manutenção de sua existência.

Durante o ritual, enquanto a viúva passava por um momento de recolhimento, todos permaneciam durante três dias no local da morte, comendo somente milho, abóbora e palmito. Tempos depois, em épocas determinadas se voltava ao cemitério para recobrir o túmulo, e durante estes retornos celebrava-se a festa Kikikoi, cujo significado literal é ‘beber o Kiki’ – bebida feita à base de milho fermentado, mel e flores de palmeira bocaiúva.

Durante a sua preparação, os cantos entoados eram os mesmos do funeral, como se no lugar da bebida estivesse o defunto. Durante toda a noite os índios bebiam até caírem ou acabar a bebida. Dançavam em torno da fogueira, divididos em metades clônicas. Há que se notar o equilíbrio ambiental na utilização dos elementos naturais nos rituais; o Kikikoi era realizado somente no inverno, época de colheita de milho, mel, entre outros produtos. A tinta utilizada nos corpos durante a dança era feita de carvão retirado das fogueiras e socado num pilão com água e mel.

QUADRO HISTÓRICO E SOCIAL DA ETNIA KAINGANG NO OESTE PAULISTA

A etnia Kaingang no Estado de São Paulo, mas precisamente no Oeste Paulista passou por um intenso processo de enfraquecimento das relações tradicionais do índio com sua terra. A partir da expansão capitalista no interior do estado observa-se a transformação do território indígena num *“espaço de controle de interesses e representações civilizadas – mercado, indústria, urbanização, especulação econômica das terras e florestas pouco ou nada exploradas sob a forma de capital”* (Pinheiro, 2004: 356).

O massacre dos indígenas promovido pelos proprietários de fazendas cafeeiras e de gado, desde fins do século XIX, impôs a este grupo a necessidade de uma construção de novas formas de manutenção do seu modo de Ser. A intensificação dos conflitos entre bugreiros, grileiros e os Kaingang trouxeram o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) – órgão mediador entre os indígenas e o Estado – ao oeste paulista. Sua função, desde sua criação em



1910, era inserir os índios como mão de obra barata (por vezes escrava) no mercado de trabalho, por meio de sua atração e pacificação nos aldeamentos.

Em depoimentos coletados na Terra Indígena Índia Vanuíre é comum os relatos em que se salientam o trabalho forçado os problemas com relação à fome gerada pelo fato de não poderem consumir os produtos que os próprios moradores da comunidade produziam.

Quando perguntado sobre a sucessão dos chefes de posto ouve-se a seguinte resposta,

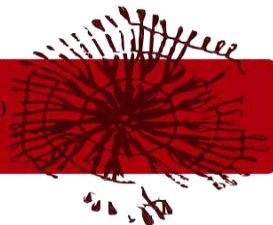
(...) esses eram tudo igual, tudo farinha do mesmo saco e agente trabalhava fazia roça no tempo dos chefes, sofrendo das vezes eu dormir com fome, trabalhar um dia inteiro na roça eu fazia tudo que um homem fazia, eu arrancava toco com enxadão, roça, eu carpia, tudo que um homem fazia, eu fazia. Eu sou uma mulher muito sofrida filha, uma Kaingang muito sofrida. E o que é nos plantávamos amendoim, milho, e o chefe não deixava a gente vender a gente passava era fome, esse menino ai, não era nem nascido filha ai nos pegou depois era um povo sofrido ele pegava as nossas coisas vendia tudo, só dava aquele totózinho só para fazer umas comprinhas e falava acabou o dinheiro e o caminhão cheio de mercadoria ia para cidade e ninguém sabia o que ele fazia os índios todos aqui, os mais velhos que morreram eram escravos do chefe (Entrevista concedida por uma informante, no dia 06/06/2006).

A vivência da espiritualidade Kaingang foi reprimida pela tutela do SPI nas aldeias, condição perpetuada pela FUNAI. Por ocasião da guerra de pacificação, começam as modificações no Kikikoi: com a aproximação dos não-índios, a festa torna-se lugar de traçar estratégias de enfrentamento na guerra. Data dos anos 40, as maiores modificações no ritual, culminando com a proibição de sua realização, ainda nestes anos, pelo encarregado da Inspetoria do SPI em Vanuíre e Icatú, Érico Sampaio (Pinheiro, 2004).

Observa-se uma ligação direta da devastação do território indígena como responsável pelo enfraquecimento de sua relação tradicional com a terra e o trabalho; mais precisamente, relacionar a destruição das terras Kaingang ao abandono da exuberância ritual em suas aldeias.

Quando perguntamos aos Kaingang mais antigos da aldeia sobre os aspectos ambientais nesse período é quase corriqueiro esperar que esses nos informe sobre o cultivo do milho e do processo de desmatamento do local.

(...) E o local quando a senhora chegou aqui como que era, tinha bicho? Quando eu cheguei aqui não tinha mais já era assim já. Mas a senhora nunca viu um bicho diferente? Não, porque já era tudo limpo n/é já era tudo roça, a minha finada sogra falava que tinha até onça aqui n/é. E ela falava que tinham, eles comiam com milho n/é com Iamim eles falavam com caça do mato. O Iamim é milho de índio? O milho



crioulo. A minha sogra falava n/é Kiki. E comia o tal do Coro n/é e comia com Iamim. E Fazia o tal do Pefuron, aquele mingau de milho n/é (entrevista concedida por uma informante, no dia 06/06/2006).

Enquanto consequência direta da invasão de suas terras e proibição de sua liberdade de expressão se percebe a negação de sua forma de conhecer e viver no mundo. Pinheiro (2004) utilizando-se do termo epistemocídio³, de Boaventura de Souza Santos, evidenciou um quadro de degradação cultural com enormes reflexos ambientais, pois essa forma de pensamento despreza o manejo que essas comunidades indígenas faziam nos agroecossistemas.

Em um documentário sobre a destruição da Natureza, intitulada vozes Kaingang na Aldeia Grande, Porto Alegre, um membro da comunidade indígena define o que ocorreu com seu território.

Quando os homens brancos invadiram a mata, eles a destruíram. Exterminaram as abelhas que fazem o mel, e também, os peixes dos rios. Tudo o que existe na mata se terminou devido ao trabalho dos homens brancos: as lavouras, as plantações. Depois, eles utilizaram venenos pensando que fertilizavam a terra; e este veneno desceu para os rios causando a destruição dos seres vivos aquáticos. Foi o uso desse mesmo veneno que causou a morte de animais que moravam na mata e, também, das árvores. Depois, os homens brancos cortaram as próprias árvores, extinguindo completamente a mata. Assim, toda a caça antes existente foi exterminada. Mas por que isso acontece? Por que os brancos envenenaram a nossa mãe-terra? Em razão de sua atitude destruidora, a água está contaminada frequentemente, causa diarreia nas crianças, nas mulheres, em todas as pessoas. **Tudo isso acontece porque eles, os homens brancos, não pensam de formas iguais a nós, indígenas.** (Discurso de Felipe da Silva (Retón) sobre a destruição da Natureza. CD. Vozes Kaingang na Aldeia Grande, Porto Alegre, 2005).

Pesquisas desenvolvidas na aldeia Índia Vanuíre Arco-Íris/SP (Brigante, 2006; Nishikawa, 2007; Rodrigues, 2006) possibilitaram a observação de que a semente de milho preto tradicionalmente utilizado pelo grupo indígena Kaingang na feitura de um prato tradicional (Iamim) está prestes a se perder. Apenas algumas famílias da comunidade têm conservado e reproduzido as sementes. A dificuldade de reprodução da semente ao longo dos anos está comprometendo os hábitos alimentares do grupo e a preservação de prática cultural que está associada diretamente ao consumo do milho.

³ Epistemocídio pode metaforizar tanto a liquidação física destes índios quanto a sua marginalização, ridicularização na sociedade. Desprezar outras formas de conhecimento que não a da ciência é desprezar as comunidades que as detêm.



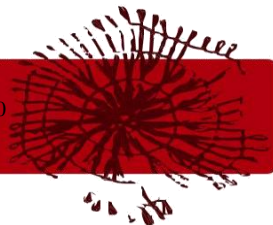
(...) e o milho de fazer o Iamim a senhora planta também (...) Planto. É o milho crioulo n/é. Ele é preto. E vocês fazem a própria semente do milho crioulo? Agente o debulha, eu tenho até um saco com palha eu preciso debulhar ele e já envenenar ele para poder plantar. Envenenar? Não, é esse veneno de caruncho ele não faz mal para gente não, você tem que passar, mas ele só mata caruncho, então eu tenho para debulhar eu vou debulhar ele para guardar a semente. Eu não falho, tenho sempre o Iamim (entrevista concedida por uma informante, no dia 06/06/2006).

Os problemas de preservação e conservação da variedade de milho preto, tradicionalmente utilizado nas práticas culturais e na dieta alimentar, da comunidade indígena Kaingang na TI Índia Vanuíre, Arco-Íris/SP, são observados em vários depoimentos.

Preservar os ecossistemas em torno das aldeias é também preservar a memória indígena valor adicional de seu conhecimento, expressada por meio da oralidade e das práticas rituais. É na relação com a terra, com seus ancestrais e com as tradições legadas através destes que se ancora a resistência. Por intermédio destes instrumentos se ressalta a identidade étnica Kaingang.

É confirmada essa preocupação por parte dos mais velhos dentro da aldeia indígena, no depoimento;

(...) Eu falei que se não tomar conta direito aqui o idioma do Kaingang vai sumir porque os meninos não entendem nada de Kaingang. Chegar a morrer os mais velhos acabou, falo muito quando chega gente aqui não dá prazo de dez anos acaba tudo aqui. Enquanto os velhos estiverem vivos tudo bem está com os velhos n/é. Mas os velhos chegar a morrer vai acabar tudo, vai acabar a dança, vai acabar o idioma n/é, o principal é o idioma n/é sempre falo para os meus meninos porque eu falo para meu filho vocês tem que andar com esses meninos eu falo para vocês trazerem eles se você não trazem depois mais tarde isso vai fazer falta, daqui para frente, vai fazer falta, porque uma pessoa fala você é índio? Só, então fala eu, não sei falar. Então você não é índio o que importa é você falar o idioma. Sempre falo com os brancos, não dou o prazo de dez anos para acabar tudo. Porque enquanto tiver índio velho tudo bem, mas índio velho tá pouco ta acabando, não vai ter idioma se você conversa com um menino desse aqui ele não sabe. Ele sabe alguma coisinha, pouquinha coisa, mas essa pouquinha coisa acaba a pessoa não lembra. Isso ai vai acabar tudo. Porque eu acho que professor não é na caneta não. Professor é na língua sentar com os meninos fora no chão é tudo índio mesmo, índio senta no chão, senta ali e vai conversando com eles que ai eles sabem tudo conversando. (...) esse negocio de caneta eu não tenho fé nesse negocio de caneta não. Isso ai é caneta é só para branco e não aprende ninguém não. Porque o tempo que ta esses meninos ai e não aprende nada. (...) caneta não põe ninguém para frente não, por modo da caneta vai acabar o idioma do índio. Eles têm é que por o índio velho para conversar, que os novos também não sabe não, eles não sabem. Então põem os velhos eles conversam junto ali e ai apreende. (entrevista concedida por uma informante, no dia 06/06/2006).



Tommasino (2004) compara a reciprocidade positiva entre as famílias nos roçados, onde se visa o bem coletivo na plantação e na colheita, com a negativa, onde se visa maximizar ganhos individuais. Como exemplo da primeira se tem a organização do Kikikoi, dividida em várias etapas, de responsabilidade de toda a comunidade; a incidência da segunda cresce atualmente, entre outros motivos, devido ao processo de descaracterização da relação étnica com o território e com o trabalho e à escassez de recursos naturais que sirvam à comunidade.

Diante desse quadro a comunidade indígena na TI Índia Vanuíre, em Arco-Íris/SP, de modo geral no que compete a agricultura têm substituído as práticas agrícolas tradicionais como o cultivo na forma de coivara e a conservação das sementes tradicionais pelas práticas convencionais. Para o modelo adotado após a chamada revolução verde que apostava para o maior controle das condições ambientais a partir da prática da mecanização, fertilização química no controle de doenças e pragas com uso de agrotóxicos.

Substituindo assim a diversidade de espécies pelo monocultivo, com o intuito de se atingir maior produtividade, observa-se que na aldeia Indígena Vanuíre esse modelo também foi adotado nas áreas designadas como área de produção por intervenção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e atualmente continuado pela FUNAI. A diversificação que era própria da comunidade indígena ficou restrita ao entorno das unidades de moradia. Esse processo provocou uma simplificação dos agroecossistemas causando a perda da diversidade biológica. Essa simplificação tem causado danos no que compete a produção das sementes tradicionais e também do ambiente como um todo.

As comunidades indígenas ao longo dos anos vêm perdendo essa prática de conservação dando espaço para as sementes híbridas, inclusive com o incentivo de órgãos como a FUNAI, que apostam na mecanização e no plantio em larga escala e fornece as sementes de milho híbrido. O que se tem observado é que o desenvolvimento dessas atividades produtivas vem causado danos à comunidade indígena tanto do ponto de vista produtivo quanto ecológico.

Em levantamento de campo feito por Nishikawa (2007) foi possível observar que o quadro é preocupante no que compete ao cultivo do milho.

A comunidade indígena de Vanuíre adquiriu o Pronaf (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Rural) para cultivar principalmente milho, mandioca e amendoim.

O cultivo de milho se tornou um problema, especialmente porque o solo se encontra exaurido e necessitando de um preparo adequado para atingir índices de produtividade



satisfatórios. A escolha inadequada da espécie, associada à incompatibilidade das condições da área, tem gerado problemas de produtividade, tornando a cultura do milho mais suscetível às pragas e doenças.

O relato oral de um dos depoentes que exerce a atividade agrícola é bastante significativo para exemplificar a situação atual dos agricultores na área no que compete a produção do milho tanto o híbrido quanto o Kaingang.

Relata que adquiriu um financiamento de 4 mil reais do Pronaf e iniciou o cultivo de três alqueires de milho, mas não teve como preparar o solo antes da semeadura. Conseguindo colher apenas 70 sacos do grão. Segundo depoente essa produção não dá para pagar o financiamento, sem falar que houve gastos pessoais com os custos da produção, incluindo despesas com o diesel. Outro fator que interferiu na produção do milho foi o aparecimento de pragas como a formiga cortadeira, o gafanhoto, o pulgão, a cigarrinha e a lagarta do milho. Após a primeira produção foram plantados mais quatro alqueires de milho e a estimativa é colher 150 sacas (entrevista concedida por uma informante, 22/03/2007).

CONCLUSÃO

O abandono das práticas de cultivo na forma consorciada para uma forma de monocultivo e a substituição das sementes tradicionais por sementes híbridas tem sido observado na aldeia indígena como um dos maiores problemas. Os solos exauridos apresentam déficit de matéria orgânica e por consequência baixa taxa de nutrientes, proporcionando um desequilíbrio das áreas de cultivo, tornando-os mais suscetíveis a pragas e doenças.

Nesse sentido as nossas preocupações estão voltadas para o âmbito da organização social da comunidade na TI Índia Vanuíre para se pensar formas de se preservar as espécies e recuperar o modo de produção tradicional, inclusive para valorizar os aspectos da cultura que estão associados à produção das sementes.

Entendendo que o grupo étnico Kaingang possui uma conexão homem-terra e que essa ligação permeia seu modo de ser desde o nascimento até a sua morte. Nesse sentido, a preocupação com a preservação genética e cultural do milho crioulo dá ênfase para os aspectos ambientais, sociais e culturais em que se insere a Aldeia Vanuíre, valorizando, portanto, uma prática que está diretamente associada à identidade étnica desse povo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AS-PTA, *Assessoria e Serviços a projetos em agricultura alternativa*, 2007. In: www.aspta.gov.br. (acessado em 12 de agosto de 2010).
- BALDUS, H. 1979. “O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas”. In: *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo: Nacional, p. 08-33.
- BRIGANTE, J. 2006. *Reconhecimento dos Recursos Florestais em Remanescentes da Reserva Indígena de Vanuíre, Tupã-SP*. Relatório de Pesquisa. São Carlos.
- FREITAS, F. 2001. *Estudos genéticos evolutivo de amostras modernas e arqueológicas de milho (Zean Mays.) e feijão (Phaseolus Vulgaris.)*. Tese (Doutorado). Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo. Piracicaba.
- GONÇALVES, L. *O milho é também símbolo espiritual*. 2007. In: www.cdb.gov.org (acessado em: 25 agosto de 2010).
- MANIZER, H. H. 2006. *Os Kaingang de São Paulo*. Campinas: Curt Nimuendajú.
- NISHIKAWA, D. L. L. 2007. *Levantamento de informações na Aldeia Vanuíre/ Arco-Íris/ São Paulo*. Relatório de Pesquisa. Araraquara.
- PEDRI, M. A. 2006. *A dinâmica do Milho (Zean Mays L.) nos Agrossistemas indígenas*. Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas, Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis. p. 91-101.
- PEREIRA, C. *O ir e vir dos caingangues na comunicação*. In: <http://racismoambiental.net.br/2010/08/o-ir-e-vir-dos-kaingang-na-comunicacao-entrevista-especial-com-carmem-pereira/> (Acesso em 15 de setembro de 2010).
- PINHEIRO, N. S. 2004. “Terra não é troféu de guerra”. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (org.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, p. 353-413.
- RODRIGUES, R. A. 2006. *Etnoarqueologia da ocupação Kaingang nos campos do Sertão Paulista*. Relatório de Pesquisa. Araraquara (SP).
- TOMMASINO, K. , 2004. “Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi”. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (org.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduelp. 145-197.
- VEIGA, J. 2004. “Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais”. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (org.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, p. 267-284.



VILELA DE ANDRADE, R., *Milho e sorgo*, 2007. In: www.cnpms.embrapa.br (acessado em 20 setembro de 2010).